



O OURO SAI À RUA: A PRESENÇA DE ORNATOS ÁUREOS NAS FESTIVIDADES POPULARES DO SÉCULO XX E ALVORES DO SÉCULO XXI

THE PRESENCE OF GOLD ORNAMENTS IN THE POPULAR FESTIVITIES IN PORTUGAL IN THE 20TH CENTURY

Rosa Maria Mota

CITAR – Universidade Católica Portuguesa
rosamariamota@netcabo.pt

RESUMO

Este artigo pondera sobre a ligação entre a utilização de adornos de ouro inicialmente utilizados no quotidiano das povoações rurais, e as romarias e festas populares. Para tal, salientamos a sua ligação aos trajes regionais, às vestes rituais e à religião católica, aqui por meio dos ex-votos em ouro e da ornamentação das imagens sacras, dos figurantes nas procissões e dos andores que as compõem. Escolhemos acontecimentos situados em zonas diferenciadas como o Minho, a Beira Baixa e o Alentejo, com diferentes tradições no uso de ornamentos áureos — que encontra no Norte de Portugal a sua maior expressão —, mostrando que este facto ocorre em todo o território nacional.

PALAVRAS-CHAVE

adornos de ouro | romarias | festas | traje | ex-votos

ABSTRACT

This article reflects upon the link between the popular festivities and the usage of gold ornaments initially used in everyday life of rural population enhancing the relationship of gold ornaments with the traditional and ritual costumes and with the catholic religion. In this case, such is done through the votive offerings, the ornamentations of sacred images and of the wooden frameworks which carriage them in procession as well as the gold embellishments of the participants in such occasions. We selected places in different regions and with different traditions in the usage of gold ornaments showing that this fact occurs through the country.

KEYWORDS

gold ornaments | festivities | traditional costumes | votive offerings

INTRODUÇÃO

A romaria sempre esteve presente no universo rural, e a sua génese conduz à viagem, que se torna em peregrinação religiosa a um local considerado santo e tutelado por um orago. Consiste na festa de todos, sendo o padroeiro o santo de toda a gente e constituindo um ajuntamento, um encontro e um momento de vida em comum, quer seja ele uma troca recorrente de visitas, expressão de uma unidade regional e símbolo fugaz de fraternização. Estes encontros, por vezes institucionalizados, constituem, ainda, ocasião de toda a espécie de trocas culturais, comerciais e agonísticas (Sanchis, 1992: 40 e 133). Ela constitui uma pausa no tempo, o mesmo acontecendo com a festa, lugar dos limites e até da fronteira, com a vida normal a fundir-se num quadro de “extravagância, de sumptuosidade e de ostentação” (Lima, 2000:263).

Tanto na romaria como na festa os grandes acontecimentos são as procissões e os cortejos, reflectindo a religião, os santos protectores, os grupos sociais, o artesanato, a etnografia, as tradições de sempre e os novos costumes, tudo numa exaltação colorida pontuada por adornos de ouro.

Para ilustrar a presença de ornatos áureos nestes acontecimentos escolhemos três festividades no Minho, uma na Beira Baixa e duas no Alentejo. A romaria, a festa, a dança ritual e o rito de passagem referidos possuem características diferentes, contudo, o ouro está presente em todas essas situações, extrapolando a sua vertente de reserva de valor, exemplificando quadros ornamentais diversos e ilustrando a tradicional apetência por adornos áureos da sociedade rural portuguesa.

OS ADORNOS DE OURO E A RELIGIOSIDADE

A ligação dos ornamentos de ouro popular com a religião católica é relevante na vertente das ofertas em ouro — que se transformam em ornamentação áurea das imagens sacras — e no enfeite dos figurantes ou participantes em procissões e dos próprios andores, aqui feita com peças do tesouro da imagem ou emprestadas para a ocasião.

Em meados do século XX registavam-se procissões nas quais mordomas que seguiam atrás dos andores — as ouradas — se apresentavam carregadas de ouro, e os anjinhos doíam-se do peso dos adornos que lhes punham ao pescoço (Chaves, 1941:57) e, chegando elas a sucumbir, as mães, com bandejas, ajudavam-nas a aguentá-lo no percurso (Peixoto, 2011:80). Tal prática reflectia o que se passava no século XIX quando os anjinhos chegavam a chorar com a carga do ouro, sendo acompanhados por alguém que lhes sustivesse o ouro nas paragens da procissão. (Pimentel, 1894:60). Em meados do século XX, os anjinhos ainda compareciam “uns carregados de cordões de ouro, de medalhas, de pulseiras, e outros,

desfilando de braços abertos, com cordões de ouro atados aos pulsos, que camponeses ou camponesas, quantas vezes um par de namorados, seguravam pela outra extremidade” (Pinto, 1949:129). Esta prática caiu em desuso, porém, em Santa Marta de Portuzelo, no final do século, e ainda hoje, desfilam crianças no Coro das Virgens vestidas de branco e ornamentadas com ouro [fig.01]. Na mesma procissão seguem meninas vestidas como imagem da padroeira e, como ela, exibindo ornamentos de ouro nas orelhas, peito e mãos [fig.02], o que também se verifica no Peso da Régua, na festa de Nossa Senhora do Socorro [fig.03].

A presença do ouro devocional manteve-se pelo século XX fora em muitas manifestações religiosas, e o cordão, além da sua primordial função na ornamentação dos colos femininos, assumiu aí um papel importante. Assim, foi utilizado na decoração de andores, como acontece em Sendim, Miranda do Douro, no andor de Santa Barbara [fig.04], e desde o século XIX, adornando também os santos nos andores



Fig 01. Crianças no Coro das Virgens com fios e medalhas de ouro ao pescoço e brincos à rainha nas orelhas.



Fig 02. Criança vestida de Santa Marta exibindo adornos áureos: colar de contas, *Senhora do Caneco* e brincos à rainha. Foto de José Barroso, 2012.

que surgem “carregados com cordões da cabeça aos pés” (Pimentel, 1894:60). Outros ornamentos enfeitavam os primeiros e, em varias localidades, andores “cheios de cascatas de ouro, pesam, bamboeiam, cintilam e dardejам” (Chaves, 1941:56), reflectindo as procissões do século XVIII, da região do Porto, onde “os andores seguiam adornados com muitas peças de ouro obtidas por empréstimo pelos paroquianos, segundo o gosto da aldeia” (Costa, 1945:20).

Contudo, a grande parte dos ex-votos em ouro destinava-se à ornamentação das imagens sacras nos dias das suas festas costume comum em todo o País, mas que,

com o tempo, se concentrou nas regiões do interior transmontano, alentejano e beirão¹. Estas imagens sacras, tanto de vulto perfeito como imagens de roca, e que denominámos Senhoras Ouradas, representam essencialmente a Virgem. Nas primeiras, os ornatos áureos são-lhes colocados sem a adição de qualquer peça de vestuário ou, nalguns casos, com um manto em tecido. As segundas estão permanentemente vestidas, e exibindo, quase sempre, um colar e um par de brincos.

Sem obedecer a cânones, a colocação dos ornatos segue dois critérios distintos: o expositivo e o ornamental.

1. Número de imagens ouradas que saem em procissão pesquisadas até ao momento: Alentejo: 20; Algarve: 3; Beiras: 25; Douro Litoral: 6; Estremadura: 19; Minho: 8; Ribatejo: 3; Trás-os-Montes e Alto Douro: 35.



Fig 03. Jovens meninas seguem o andor da Senhora do Socorro vestidas e ouradas de acordo com a imagem. Foto cedida por Ana Fernandes, 2010.



Fig 04. Andor de Santa Barbara, em Sendim, decorado com cordões de ouro.

Com o primeiro procura-se por um lado mostrar que os ex-votos não foram alienados, e por outro promover a eficácia milagrosa da imagem em questão, e o segundo modo manifesta-se apenas quando esta exhibe ornamentos cuja função é só decorativa.

Os objectos áureos presentes no atavio das *Senhoras Ouradas* reflectem as peças mais usadas na região,

como Santa Marta de Portuzelo que ostenta uma quantidade apreciável de *peças* e *medalhas*, e Nossa Senhora da Glória, em Glória do Ribatejo, que possui brincos e alfinetes de peito, adornos predominantes nessas regiões. Mas, por vezes, ilustram casos atípicos de uso, como os colares de gramalheira que enfeitam as Virgens de Miranda do Douro², pouco usuais junto da população local³.

O OURO E O TRAJE REGIONAL

O ouro é um elemento da maior importância que se relaciona e de certa maneira completa o traje, mormente o de festa, principalmente importante na região do Minho, onde este metal atinge uma enorme riqueza e profusão de ornamentos (Pereira et al, 2009: 193), sendo

o componente que percorre, transversalmente, todos os tipos de traje, completando-os e definindo-os na sua hierarquia. É a quantidade e variedade dos ornamentos exibidos que permitem que uma mulher se torne única dentro da homogeneidade que o traje impõe [fig.05].

2. Este grupo de imagens exhibe, ainda, um interessante e único sistema ornamental com adornos de ouro colocados no cabelo, sobre as vestes, nos punhos e cordões dispostos em triângulos a partir da coroa e das mãos. Sobre este assunto vd. MOTA, Rosa Maria dos Santos – *Senhoras ouradas* do Norte de Portugal. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos, coord. – *Matrizes da Investigação em Artes Decorativas*. Porto: CITAR, 2010, pp. 253-271.

3. Informação corroborada por Narciso Patrão António, filho de ourives ambulante que fez a volta de Miranda durante 35 anos, entre os anos 30 e os anos 70 do século XX (3.6.2011).



Fig 05. Três jovens exibindo o mesmo traje de mordoma e com diferentes interpretações da ornamentação áurea tradicional. Festa da Agonia, 1999, Foto de Gualberto Boa Morte.

Com cada tipo de traje usam-se certos adornos, embora não haja uma regra fixa que demarque a diversidade ou o número a exibir com cada um deles. Nas primeiras realizações dos cortejos ou paradas agrícolas, no início do século XX, procedeu-se a uma interpretação e uma redefinição do uso do ouro matricial utilizado no dia-a-dia das mulheres rurais do fim do século XIX e início daquela centúria. Com o decurso das décadas foram-se criando preferência por alguns adornos – como, por exemplo, as libras e os relicários – e modos de utilização que se tornaram modas e, depois, cânones. Pelos anos 70 surgiu uma tendência para a exibição de enormes quantidades de ornatos em ouro, principalmente com os trajes de gala, generalizada na maioria das festividades minhotas. Tal facto deve-se a uma melhoria do bem-estar económico das populações, muitas vezes suportado pelas receitas de imigrantes, que proporcionou uma maior aquisição de objectos áureos por um número mais alargado de pessoas. Esta situação encontrou eco no gosto da exibição de uma ourivesaria farta, latente na mulher do Minho. Além disso, o despique entre as usuárias

e entre as localidades proporcionou o aumento da quantidade do ouro exibido em cada romaria e em cada cortejo, revelando uma afirmação da posição social e económica das primeiras e uma demonstração de riqueza e afirmação do poder local das segundas. Mas o conjunto de peças áureas exibidas, nas últimas décadas do século XX, resulta principalmente do gosto de cada mulher e do ouro disponível.

Assim, e como resultado da falta de sistematização e das situações vividas através das primeiras décadas do século XX, que permitiu inclusões tipológicas, alterações quantitativas e diferentes formas de colocação das peças, o grupo dos ornamentos exibidos, nas romarias do Minho, no final desse século, não depende de regras fixas, constituindo um conjunto aberto e em permanente construção. Apesar destas características, seria expectável encontrar no peito de uma lavradeira bem ourada as peças matriciais do ouro popular, sendo algumas delas inevitáveis, como os cordões, os colares de contas, as libras ornamentadas, os relicários e os corações.

A FESTA DA SENHORA DA AGONIA, EM VIANA DO CASTELO

A Festa da Senhora da Agonia é considerada, desde há muitas décadas, como a maior e a mais importante de toda a região de Entre-Douro-e-Minho, e realiza-se na cidade de Viana do Castelo, durante quatro dias no mês de Agosto, sendo o dia 20 o dia da padroeira.

A primeira parada agrícola, em 1908, constituiu a versão pioneira do actual Cortejo Etnográfico⁴, e marcou o início da separação entre o uso quotidiano e pessoal dos adornos áureos e a sua exibição pública em festas e paradas.

Apesar de se notarem inclusões de peças de várias épocas e de adornos contemporâneos, de pendor tradicional ou não, como alfinetes e medalhas,

pulseiras e berloques vários, o ouro exibido nas Festas da Agonia, durante o século XX, foi, essencialmente, aquele que integra o núcleo original da ourivesaria popular: cordões, colares de contas, corações, laças, cruzes, relicários, borboletas, *Conceições*, cruzes de Malta, *peças*⁵ e *medalhas*⁶, com os grillhões e colares de corda a desaparecerem paulatinamente. Pode-se afirmar que as maiores alterações revelaram-se mais em termos da quantidade do ouro exibido e nas formas da sua colocação do que na variedade das tipologias.

Quanto a adornos de orelhas, a supremacia vai para o brinco à rainha, que se impôs e destruiu o uso de argolas, arrecadas e demais modelos de brincos.



Fig 06. Grupo de mordomas na festa da Agonia, exibindo aparatosos conjunto de ouro popular onde sobressaem contas, relicários e corações. Foto da autora, 2008.

4. Em Famalicão também se realizaram paradas agrícolas no início do século XX. A de 1912, que se realizava pela terceira vez, incluía carros alegóricos representando actividades agrícolas e fomentava a utilização de adubos químicos, cujas marcas patrocinavam o acontecimento. Um concurso para os melhores carros também constava do programa e o primeiro e segundo classificados, além de outros prémios, recebiam uma medalha de ouro. Vd. *Ilustração Portuguesa*, n.º 334 (15.6.1912), pp. 83-85.

5. Designação para uma libra com cercadura de ouro.

6. Designação para um adorno composto por uma libra de imitação em cercadura de ouro.

A popularidade deste ornato é de tal modo grande que, durante os dias da romaria, muitas mulheres de região os exibem, mesmo que não estejam a usar um traje regional.

Outra característica inerente às festas de Viana das últimas décadas do século XX é a presença de peitilhos, espécie de babete de tecido onde se cose todo o ouro que se quer exibir. Não se sabe exactamente onde e quando esta forma de utilização dos adornos áureos surgiu, mas crê-se que tenha sido pela década de 70, ligada aos ranchos folclóricos que viam nela uma maneira mais cómoda e mais segura de exibir o ouro, passando depois às participantes nos cortejos, e granjeando seguidores e detractores. Não há regras fixas para a construção deste acessório, mas com o tempo certos procedimentos foram-se impondo na sua elaboração⁷.

Esta romaria funciona como um polo agregador e difusor de tendências, pois recebe práticas e modas de cada freguesia, legitima-as e devolve-as a outras localidades. E a aparatosa exibição de ornatos de ouro popular que aí se faz, reflecte a tradicional ligação existente entre as mulheres minhotas e a posse e exibição de ornamentos de metal precioso, sendo também um dos cartazes turísticos mais relevantes da festividade. O ouro está aqui presente em todas as suas dimensões: é motivo ornamental, espelho da vaidade das suas mulheres, reflexo da riqueza da região, imagem de marca da cidade, aproveitamento turístico, económico e político. É a consubstanciação de uma matriz cultural, de um gosto popular e de uma tradição que cresceu com as décadas do século XX, impondo-se a sua exibição pela espectacularidade e riqueza única no mundo [fig.06].

A FESTA DE SANTA MARTA DE PORTUZELO

Nas freguesias do concelho de Viana do Castelo têm lugar festas e romarias onde o ouro popular atinge uma visibilidade tão importante como na própria cidade, apresentando, ainda, características exclusivas de cada um desses lugares. Em Santa Marta de Portuzelo as mordomas caracterizam-se pelo uso de imponentes peitilhos, ainda que não sejam de uso obrigatório.

Diz-se que há uma maneira de dispor o ouro “à Santa Marta: muito caprichado”, sendo os peitilhos locais os mais elaborados nos aspectos de simetria, quantidade de peças e apuramento na distribuição das mesmas, visando um efeito estético cuidado e particular.

Entre as formas que estes adoptam salientamos a utilização de um razoável número de colares de contas dispostos transversalmente sobre a massa dourada constituída por inúmeros fios e ornamentos, sistema

de ornamentação que caracterizamos por transversal (Mota, 2011:137). Esta forma de decoração é a herdeira da importância que os colares de contas tiveram no final do século XIX e primeira metade do século XX. Nessas épocas figuravam como presença maioritária em todos os colos de lavradeiras, ainda que impreterivelmente colocados junto do pescoço, e depois como presença massiva no ouro exibido nos desfiles etnográficos, revelando este facto uma evolução e renovação no uso deste fio tão característico do Alto Minho. A densidade da malha áurea constitui a característica dominante dos peitilhos desta localidade e todas as tipologias do ouro popular se associam para formar uma espécie de placa de ouro. Compactos e longos, os peitilhos de Portuzelo diminuíram progressivamente o seu comprimento, seguindo a tendência geral apresentada nos cortejos da região, que rejeita os cordões abaixo da cintura [fig.07].

7. Sobre o peitilho ver Mota, Rosa Maria dos Santos – *O uso do ouro nas Festas da Senhora da Agonia em Viana do Castelo*. Porto: CIONP; CITAR; UCE-Porto, 2011, pp.72-164.



Fig 07. Jovem mordoma de Santa Marta de Portuzelo com peitilho ainda abaixo da cintura e executado com 207 peças. Foto de José Barroso. 2000.

A FESTA DE DEM

Contrariamente à grandiosidade e opulência áurea manifesta na romaria de Viana e na festa de Portuzelo as festas da aldeia de Dem, na Serra D'Arga, caracterizam-se, no seu todo, por uma panóplia de peças mais limitada que devem observar algumas regras. Assim, todos os fios, quer sejam cordões, voltas, trancelins ou colares, devem passar pelo pescoço, prática que interdita o uso do peitilho ou de fios apenas pregados no peito com alfinetes, como se verifica nalgumas regiões do Minho interior. As *medalhas* ou *peças* revelam-se uma constante, sendo possível penderem cinco ou sete destes ornatos

em cada cordão, usando-se para esse fim o tradicional sistema de dobrar o fio para criar um laço no qual o adereço se prende, repetindo-se este processo tantas vezes quantas as peças a pendurar. Singelas ou em combinação com os cordões e ornamentos e fios contemporâneos, as gargantilhas, em grande abundância, misturam-se com as peças do núcleo original da ourivesaria popular. Aqui não há lugar para ornatos de grandes dimensões, e o ouro que se exhibe é mais caracterizado pela quantidade de ornamentos do que pelo tamanho extraordinário de cada um deles.

A festa integra, também, muitas crianças trajadas e as gargantilhas continuam a ornamentar os seus pescoços, como adornam os de suas mães, com a diferença de agora serem apenas exibidas com o traje típico e, no passado, terem enfeitado os seus pescoços infantis nas festas de família e momentos especiais do quotidiano, como o da realização de uma fotografia para a posteridade.

A comparência de mulheres trajadas e ouradas tem um grande peso nas festividades da povoação tanto a nível social como religioso. Vestidas com trajes vermelhos, azuis e verdes, tecidos e bordados na aldeia, e envergando luvas brancas, suportam estandartes e andores⁸, dando um colorido extraordinário à procissão religiosa, e mostrando mais uma forma de uso do ouro popular ligada à religião católica [fig.08]. De ambos, andores e estandartes, pendem

fitas brancas ou douradas suportadas pelas mãos de crianças, igualmente trajadas e ouradas. A procissão de Dem transforma-se numa “profusão de cores, feita para o sol: fitas, tafetás, paninhos de algodão, papel frisado, estrelas de ouro e de prata, em curvas e contracurvas barrocas” (Sanchis, 1992:131) que o dourado dos adornos evidencia e enobrece.

A festa de S. Gonçalo de Dem não apresenta características semelhantes às grandes romarias minhotas, sendo uma festividade da aldeia para a aldeia. A maioria das mulheres não cobiça os grandes ornatos, mas conhece o valor real e simbólico do ouro e compreende que possuir um acervo de ornamentos áureos, e exibi-lo durante as festas, além da manifestação da sua realização pessoal, constitui, também, a exteriorização da evolução social e económica da sua aldeia.



Fig 08. Mulheres de Dem, trajadas e ouradas a rigor carregam um andor na procissão da terra. Foto da autora, 2010.

8. Também em Espanha, em León, em Ibiza e na Sardenha existe a tradição de mulheres ataviadas com o traje regional carregarem estandartes e andores em procissões religiosas.

A FESTA DA SENHORA DA AGONIA, EM VIANA DO CASTELO

As danças rituais da freguesia da Lousa, Castelo Branco, associadas à primeira festividade e à promessa feita, há quase quatro séculos, da realização de uma festa no terceiro domingo de Maio chegaram até nós como a Dança das Virgens, a Dança dos Homens e a Dança das Tesouras⁹. A Dança das Virgens é executada por oito jovens donzelas, enquanto a Dança dos Homens integra três elementos masculinos e três femininos – as *madamas* – interpretadas por três rapazinhos vestidos de menina¹⁰.

Diz-se na região que o ouro exibido pelas dançarinas, que constava principalmente do cordão¹¹, seria o seu dote, e esse ornato sempre constituiu a base da sua ornamentação¹². Mas uma tradição aponta esse costume para a promessa feita, no dia do milagre, pelo casal Timóteo e Micaela, de que todo o lucro da colheita salva da praga dos gafanhotos seria para comprar ouro para as suas oito filhas. Outras interpretações associam-no ao facto de a imagem da Senhora dos Altos Céus também levar ouro, e o uso público de ornatos em metal precioso constituir uma forma de a homenagear.

Muitas jovens exibem adornos de família, enquanto outras recorrem ao empréstimo para se apresentarem convenientemente ouradas, embora não haja um mínimo de ornatos exigido.

Através das décadas do século XX, a ornamentação áurea das participantes na Dança das Virgens ou das Donzelas, assim como das *“madamas”*, manteve-se estável, compondo-se predominantemente de colares,

voltas—designadas por fios—e cordões de ouro rematados por libras, cruzes, medalhas de santos e borboletas, que aqui recebem a designação de *pestanas*, rematando os cordões. Pequenos colares de contas surgem como adornos de pescoço, as gargantilhas também integram o espólio exibido, e o comprimento dos fios exibidos ronda o cinto, sem que haja uma regra fixa para tal.

A quantidade, a tipologia e a forma de colocação dos ornatos são puramente arbitrarias, com uma tendência para o uso de dois alfinetes colocados um de cada lado do peito, em simetria, para prender os cordões e para “abrir o ouro”, num procedimento igual ao seguido pelas lavradeiras do Minho. Além destes dois alfinetes outros podem surgir na ornamentação, assim como pequenos relógios de peito, memórias, *esmaltes* e variados berloques, indiciando o uso de ornamentos típicos de uma burguesia rural, e de peças do quotidiano das mulheres do século XX, e não apenas as peças de ouro do núcleo original tradicionalmente associadas aos lavradores. As grandes peças de filigrana, tão características do Noroeste, assim como as medalhas de gramalheira e os relicários, não integram estes conjuntos ornamentais, que se caracterizam por uma teia de fios pontuada por diminutos ornatos, exibindo-se a delicadeza dos pequenos ornamentos e não a ostentação das grandes peças. [fig.09]

Os punhos e os dedos não recebem ornamentação alguma e nas orelhas apenas brincos se admitem, denunciando a conotação das argolas com o trabalho e não com a festa.

9. Enquanto as outras duas danças registam características religiosas e/ou guerreiras, conforme as interpretações, esta apresenta apenas uma índole lúdica. Estas danças ainda se executam mas as *madamas*, desde o ano 2000, passaram a ser interpretadas por três raparigas, pois os rapazes deixaram de querer interpretar o papel feminino.

11. Nesta localidade, todas as famílias com suficiente poder económico seguiam a tradição da aquisição de um cordão para presentear as filhas. Nos anos 50 do século XX esse costume ainda se mantinha, mas, por vezes, em vez desse fio, às raparigas era-lhe oferecido outro bem igualmente dispendioso, como na família de Maria da Conceição Centeio Carocha Mendes, na qual duas irmãs receberam uma máquina de costura enquanto a terceira ficou com o cordão e os brincos da mãe. Informação das próprias, 18.5.2013.

12. No espólio do ouro oferecido a Nossa Senhora dos Altos Céus encontram-se cordões com comprimentos variáveis, desde 144 cm a 180 cm a 200 cm. Tal inconstância numa peça com um comprimento absolutamente regular resulta de uma prática na região, corroborada pelo ourives António Varanda, da Ourivesaria Álvaro, em Castelo Branco, que consiste em retirar do cordão a quantidade de fio necessário para formar uma volta, para oferecer à filha ou neta quando não existiam possibilidades económicas para a adquirir.

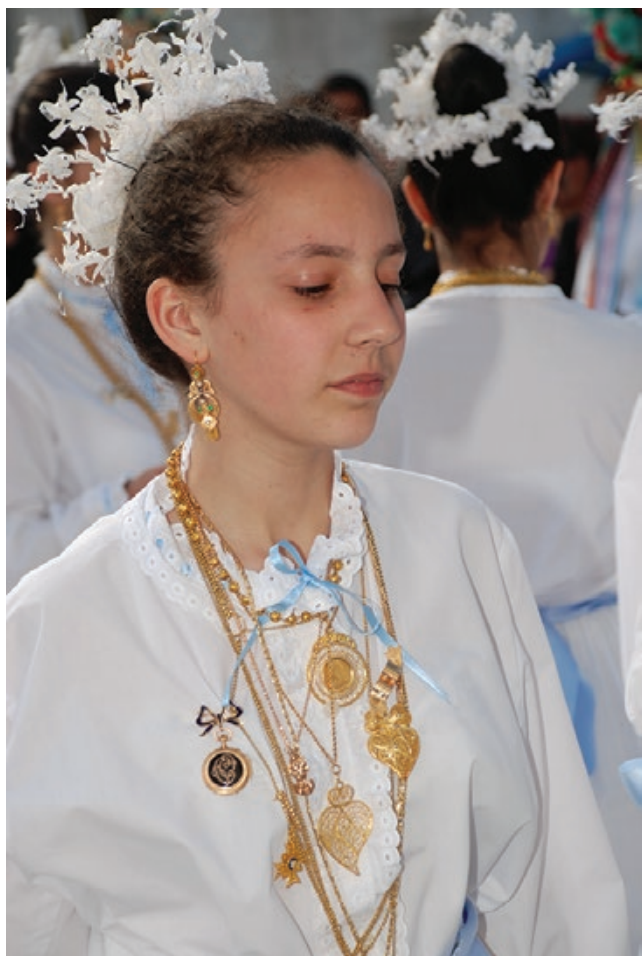


Fig 09. Jovem bailarina da Dança das Virgens exibindo o peito adornado por cordões, voltas e pendentes de diferentes épocas e estilos. Foto da Junta de Freguesia da Lousa, 2009.

A FESTA DA SANTA CRUZ NA ALDEIA DA VENDA

Na Aldeia da Venda e noutras localidades do concelho de Alandroal, no Alentejo, realiza-se a Festa da Santa Cruz, festividade que constitui um ritual de passagem no qual os jovens de ambos os sexos celebram a transição da puberdade para uma fase mais próxima da maturidade e que, na versão antiga da festa, serviria, ainda, para que as jovens raparigas encontrassem um namorado, função social que se perdeu.

O ritual propriamente dito era designado vernaculamente por “Cante à Ordem das Oliveiras”, mas com o advento de forâneos à festa e a impressão de cartazes de divulgação do acontecimento o regionalístico Cante foi erudizado para cântico. No Cântico à Ordem das Oliveiras tomam parte directa dois grupos compostos por um total de catorze raparigas, ou “empregadas da Santa Cruz”, liderados pela Mordoma e pela *Madanela* (Maria Madalena). Além destas, integram

também o rito seis rapazes para cada grupo ou “atiradores”, assim designados porque carregam uma espingarda, símbolo fálico através do qual expressam a sua masculinidade, e da qual apenas saem papelinhos coloridos, sendo todo o ritual coordenado e ensaiado pela Mestra (Morais, 2010: 24,25,25,26,27 e 184).

Tanto as vestes como as flores e os acessórios empregues na celebração têm uma ampla conotação simbólica e todas as jovens exibem uma ornamentação áurea e se vestem de branco, à excepção da *Madanela* que veste de preto e usa prata. Cobrindo o seu peito cordões, medalhas, pulseiras, anéis, etc., deste metal significam que apesar de pecadora e mergulhada na noite (figurada no seu vestido de cor negra) a *Madanela* renascerá para uma fé renovada, para o “seu amado Jesus” (Morais, 2010:219).



Fig 10. Pormenor de fotografia da Mordoma da Festa da Santa Cruz, entre as suas "madrinhas", ornamentadas com cordões e peças de ouro.



Fig 11. Mulheres de Alpalhão trajadas e ouradas no dia de Domingo Gordo. Imagem retirada de <http://viladealpalhao.blogspot.pt/>

Por sua vez, a Mordoma, as madrinhas e as cantadeiras ostentam cordões de ouro que lhes cobrem o peito e as costas, sendo também os demais adereços com que se ornamentam feitos de ouro. Os quatro ou cinco anjinhos e os *bandeiras* (anjinhos sem asas que suportam estandartes com reproduções de várias imagens religiosas), que precedem cada grupo, encontram-se, igualmente, vestidos de branco e exibindo cordões de ouro ao pescoço.

De notar nesta ornamentação a característica particular do uso de cordões à cinta e atravessados no peito. É habitual e importante que o ouro cubra todo o torso e não apenas o peito, sendo por isso necessário cruzar os cordões nos ombros, ficando as costas, também, ornamentadas. Os fios vão cosidos à roupa, para não saírem do sítio e para não se perderem, efeito que, no passado, era conseguido através de pregadeiras de ouro. Sobre os fios coloca-se todo o tipo de medalhas e pendentes que se consigam para a ocasião. Geralmente, o ouro é da família da rapariga que o exhibe, mas pode ser emprestado na totalidade ou parcialmente por amigos e vizinhos. A forma de disposição do ouro não obedece a nenhum critério específico, permitindo que cada rapariga use a quantidade que quiser e as tipologias que aprecie, ou de que disponha, sendo a colocação de ouro sobre o torso a única contingência desta ornamentação áurea [fig.10].

Para o adorno da cruz utilizavam-se, também, ornamentos e fios de ouro — cordões, anéis, alfinetes de peito e brincos —, e o seu atavio realizava-se em casa dos pais da Mordoma, que actuavam como fiéis depositários dos ornamentos recolhidos por empréstimo entre as pessoas da aldeia. Porém, no final da década de 80, por razões de segurança, os objectos em metal nobre usados para o enfeite da cruz foram substituídos por fantasias, que pertencem à organização da festa. Não existe obrigatoriedade de tipologias a usar no seu adorno, usando-se o que se encontra no mercado, ainda que haja uma preferência pelos crucifixos e cordões, com que se cria uma rede e um círculo de ouro, servindo de base e de perímetro para os demais ornatos. Quanto ao sistema de colocação dos adornos, segue-se uma simetria em relação ao eixo principal da cruz, utilizando-se os mesmos ornatos de cada um dos lados dessa axe. Constitui um cânone na terra que a cruz seja enfeitada na frente e no verso e cada ornamento que se coloque num dos lados terá

de ter um igual colocado simetricamente no outro lado [fig.11]. A simetria entre os lados frontal e dorsal da cruz é essencial e obrigatória, e poderá ter sido esta característica a influenciar a ornamentação no peito e nas costas das participantes do ritual.

A presença do ouro realça a ornamentação e a distinção social das participantes, e os empréstimos funcionam como um motivo de orgulho na capacidade económica e na participação no ritual por parte de quem cede as suas peças.

O DOMINGO GORDO EM ALPALHÃO

No início do século XXI, em Alpalhão, nasceu o grupo “Contradanças”¹³ que pretende reviver o uso do traje, as dança e os cantares do século XX. Consideramos importante incluir este caso nesta reflexão, pois com o uso do traje é prática inquestionável a exibição de ornamentos em ouro¹⁴, indiciando o início da constituição de pecúlios áureos num período em que a maior parte da população que tinha esse hábito deixou de o fazer, evidenciando a vitalidade do ouro popular.

Em termos de pendentes de orelha, usam-se nesta localidade os brincos de diamante — com a inclusão de diamantes (os mais antigos), com a presença de pedras que os imitam, ou apenas executados em ouro —, os brincos de gaiola e os brincos de relógio ou de cigana, estes sinónimos de brincos à rainha.

Ao pescoço usam-se vários fios como os afogadores, designação para um grilhão fino, rente ao pescoço, que para estar completo deve ter acoplado um pendente em forma de laço, esmaltado, com as pontas rematadas por franjas de fios de ouro e que não consta da panóplia de peças comumente usadas no Norte. Os grilhões efectivamente são colares de lentejoulas e os colares de contas a expedir, realizadas integralmente em filigrana, são designados localmente por rosários. As gargantilhas possuem a mesma conotação nortenha, mas referem-se, ainda, a colares de contas de olho-de-perdiz. Por colar de cruz entende-se um

ornamento constituído por elos em forma de oito ou de S — com uma parte realizada em filigrana e outra lisa —, do qual pendem um laço e uma cruz, ambos em filigrana, ornato produzido na região de Travassos, e com uma baixa ocorrência no Norte. Os “bichos” constituem uma adaptação local do colar de gramalheira do Norte, na sua versão de “malha de bicha”¹⁵. Os colares de cobra, com os seus elos articulados, permitindo que se enrosque em volta do pescoço, imitam a configuração do animal que lhe deu o nome. Este fio, que não pertence à panóplia do ouro popular, constitui com o afogador uma das peças mais usadas nos casamentos e outras cerimónias, e sobre o fio designado por “bicho” recaem as preferências de quase todas as mulheres desta região. Dos ornatos de dependurar fazem parte as laças e libras cruces de filigrana e cruces de Malta, designadas por hábitos de Cristo, denominação também ocorre no Brasil.

O ouro, abundante e faiscante, pendendo do pescoço e orelhas femininas, enfatiza o colorido do traje alpalhoense aportando riqueza à festa do Domingo Gordo, ao mesmo tempo que a particulariza. Neste acontecimento, o traje e a ornamentação áurea não se usam como motivo de escárnio, presente em tantas indumentárias carnavalescas, mas como garante de uma tradição na qual se envolvem características inerentes ao ouro popular, tais como reserva de valor, ostentação e prestígio social [fig.10].

13. Este grupo foi fundado por Maria José Alfaia que lamentando a gradual perda dos costumes locais associados ao uso do traje regional, decidiu recuperar a sua tradição, sensibilizando as mulheres entre os trinta e quarenta anos, para que aderissem à sua utilização, o que, inicialmente, se limitaria ao “dia das comadres”, festa local que congrega todas as mulheres unidas por este laço, pouco conhecida em Portugal continental mas muito enraizada nos Açores, surgindo na continuação da celebração do dia das amigas.

14. A população passou a adquirir os adornos na ourivesaria local com o sistema de “cadernetas”. Aquando da aquisição de uma peça compra-se um determinado número de “cadernetas”, com o preço unitário de 10 Euros. O resto das cadernetas necessárias para atingir o custo da peça pode ser adquirido de acordo com a vontade e possibilidade económica, abatendo progressivamente o preço do objecto. Tais cadernetas são numeradas e, à semelhança do que se praticou no Norte do país, estão associadas à extracção do prémio de um jogo semanal, sendo automaticamente isentas de pagamento quando o seu número corresponde ao sorteado como primeiro prémio no dito jogo.

15. Malha maleável e semelhante a escamas de cobra, designada por bicha no mundo rural.

CONCLUSÃO

No século XX, romarias castiças ou turisticamente estruturadas, ritos de passagem, danças rituais e práticas folclóricas constituíram ocorrências com carácter inconfundível e particular e o uso de ouro que nelas se fez seguiu esse princípio, quer estivesse ligado ao traje regional que lhe serve de fundo, ou aos ex-votos que o ligam à religião católica.

Em todas as regiões se encontram os mesmos ornamentos fruto do conjunto coeso da ourivesaria popular que se estendeu de Norte a Sul, apenas revelando particularidades locais em termos de preferência de tipologias, suas dimensões ou sistemas ornamentais.

No Minho, os adornos do núcleo original do ouro popular, pontuado com as peças que entraram em uso nos anos 30 e 40 da centúria, e incluindo ornamentos de excepcional dimensão, opulentas filigranas e a utilização de grandes quantidades de adornos, mantiveram-se em uso, passando ao século seguinte. Tal facto revela o gosto ancestral pelo ouro e práticas de aforro em metal nobre que expunham hierarquias familiares e estatutos sociais. Nas últimas décadas da

centúria, essa prática exibiu, ainda, o aumento do bem-estar económico da população e, no período imediato, a transferência do gosto e do uso, em contextos de festa, para extractos diferenciados da população.

No Sul, o uso de conjuntos menos aparatosos e mais diversificados, porque incluía peças de períodos e estilos diversos, expunha a natureza mais contida da população, mas também a sua condição económica, enquanto mostravam que a tradição, a apreciação do ouro como metal nobre e adorno primordial continuavam a integrar momentos importantes para as comunidades locais.

A presença dos adornos de ouro nestes acontecimentos — juntamente com o êxito que algumas festividades alcançaram —, muito contribuíram para a continuidade e divulgação do uso do ouro popular, sedimentando na população o tradicional gosto pelos adornos em metal precioso e criando uma apetência pela sua manutenção nos acervos familiares e constante aquisição ao longo do século XX, que se estendeu, ainda à centúria seguinte, evidenciando a perenidade desta ourivesaria.

BIBLIOGRAFIA

CHAVES, Luís — *As filigranas*. Lisboa: S.P.N., 1941.

COSTA, Pe. Agostinho Rebelo — *Descrição topográfica, e historica da cidade do Porto*. 2.ª ed. Porto: Livraria Progredior, 1945

LIMA, José da Silva — Festas. In JORGE, Ana Maria; et al. (coord.) — *Dicionário de História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000

MOTA, Rosa Maria dos Santos — *O uso do ouro nas Festas da Senhora da Agonia, em Viana do Castelo*. Porto: CIONP; CITAR; UCE-Porto, 2011.

——, Rosa Maria dos Santos — *Senhoras ouradas do Norte de Portugal*. In SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos, coord. — *Matrizes da Investigação em Artes Decorativas*. Porto: CITAR, 2010, pp. 253-271.

PEIXOTO, Rocha — *As filigranas*. Porto: CITAR; UCE-Porto, 2011.

PIMENTEL, Alberto — *O Porto na berlinda: memórias de uma família portuense*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1984.

PINTO, Maria Luísa Carneiro — *Por terras de Baião*. Porto: Tip. Alberto de Oliveira, 1949.

RIBEIRO, Margarida — *Cerzedelo e a sua Festa das Cruzes: elementos para o seu estudo*. Lisboa: [s. n.], 1972.

SANCHIS, Pierre — *Arraial: a festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Edições D. Quixote, 1992.